



abralic  
experiências literárias textualidades contemporâneas

## A POÉTICA DE TORQUATO NETO: UMA VIAGEM PERDIDA NA NOITE ESCURA DOS ANOS 1960<sup>1</sup>

Esmeralda Barbosa Cravançola (UFBA)<sup>2</sup>

**RESUMO:** Torquato Neto é um poeta singular na literatura brasileira, primeiro, porque ele não foi apenas poeta: também foi jornalista, roteirista, compositor de música popular brasileira, participante ativo na escrita de manifestos do Tropicalismo, dirigiu e atuou em filmes Super-8, foi um agitador da cena cultural de sua época. Segundo, sua obra é amplamente fragmentária e convulsionada; escrevia desde os nove anos de idade; tinha cadernos de restos de textos não publicados, diários produzidos dentro e fora dos manicômios pelos quais passou. E, por fim, porque sua vida de poeta se confunde com o período histórico de ditadura civil militar em que se situa – conturbado, violento, permeado por morte, por catástrofes e ruínas –, do qual não podemos e não devemos separar sua obra. A produção de Torquato Neto também é um meio de conhecimento da experiência histórica vivenciada por ele e por seus contemporâneos e dos desacertos do país. Fazer uma sondagem da sociedade brasileira a partir de produtos culturais, além de funcionar como documento de memória, leva-nos a reconhecer quais as formas que Torquato procura nessa complexa matéria. Mostrar como suas intenções artísticas se traduzem em linguagem artística, bem como as ambiguidades e contradições podem servir como um sismógrafo tanto dos movimentos artísticos do poeta como das mudanças ocorridas no país e os sentimentos daqueles que estavam envolvidos naquela experiência histórica e tinham expectativas relacionadas ao desenvolvimento do Brasil. Neste cenário, nossa hipótese é de que a melancolia funcione como um mecanismo de resistência aos acontecimentos da época, contra a vertigem da violência e uma reação contra o presente que se mostra inapropriado e que não demonstra possibilidade de continuação que não seja barrada pelas ações do tempo. Como referenciais teóricos, nos baseamos em textos de Theodor Adorno, Jaime Ginzburg, Sigmund Freud e Eduardo Lourenço.

Palavras-chave: Torquato Neto. Melancolia. Resistência. Ditadura.

---

<sup>1</sup> As reflexões apresentadas neste artigo integram parte da pesquisa (em andamento) sobre a obra de Torquato Neto e os incursos melancólicos em sua poética como mecanismo de resistência, sob a orientação da professora Dra. Mirella Márcia Longo Vieira Lima (UFBA).

<sup>2</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, da Universidade Federal da Bahia-UFBA, na linha de pesquisa *Estudos de teorias e representações literárias e culturais*. Email: esmeraldacravancola@hotmail.com.

A leitura da obra de Torquato Neto pede uma postura de rompimento com classificações de gêneros, uma vez que ele associa linguagens diversas na criação de sua poética. Poesia e canção popular, diários e crônicas, performance e manifestos são formas encontradas pelo poeta nascido em Teresina, Piauí, para compor uma arte fragmentária e experimental, repleta de tensões, aporias e paradoxos, características também do período em que esta se desenvolve. Além disso, não acreditamos que seja possível ler sua obra sem levar em conta o contexto histórico em que está inserida, isto porque podemos entender o discurso artístico como uma interpretação do mundo feita a partir da linguagem, mesmo sabendo que a arte tem seu sistema de funcionamento para além da História, e que as afinidades não acontecem tão facilmente numa relação de causa e efeito.

Entendemos essa poética como uma maneira de ultrapassar as barreiras, dar à vista outras possibilidades de lidar com aquilo que estava ao redor e, assim, surja como resistência e luta contra o ambiente de repressão social e cultural dos anos em que o poeta viveu, buscando todos os meios que se mostrassem propícios a uma arte que se quisesse liberta e, ao mesmo tempo, mostrasse as dificuldades de se produzir, dando uma resposta aos atos repressivos daquela época.

Penso ser importante ressaltar que o ato de escrever é, para Torquato Neto, contínua procura de espaços para conseguir respirar, no entanto, esse ato não é por ele usado para criar qualquer tipo de utopia. O autor insurge-se com violência contra a violência instituída, sem propor necessariamente realidades alternativas.

Nesse sentido, situamos a melancolia como uma reação ao presente que se mostrava inapropriado, agigantando-se e extrapolando a esfera privada e contaminando o mundo. Em Torquato, vemos um convite à melancolia que é convite à recusa do tempo sombrio e violento. Assim, as marcas melancólicas que seriam, a priori, vivenciadas no íntimo do indivíduo explodem no chamado ao outro para ocupar espaços, projetando-se socialmente a partir da experiência particular para a experiência coletiva, ambos – indivíduo e coletivo – vivendo à beira da dissolução.

Na obra de Torquato Neto, a resistência melancólica constitui apelo ao não esquecimento do que estava acontecendo no país, atenção à densa e complexa realidade que tomava conta dos espaços públicos e privados. Não há, a rigor, superação das perdas e sim seu reconhecimento. O tempo – na obra de Torquato – flui em direção à morte, o que não deixa de ser paradoxal, já que, caminhando para o fim, ele foi deixando seus escritos como sugestões de vias para sobreviver.

Ao fracasso dos projetos de sua geração golpeada pela ditadura e castrada pelo AI-5, unem-se a dor do exílio e a sensação de diluição do mundo da infância. Como bem observa Jaime Ginzburg, em *Literatura, violência e melancolia*, todo esse mal-estar leva o sujeito a observar a realidade como “um campo de desencantamento e desconfiança” (GINZBURG, 2013, p. 12). Seu tempo é de dor, de violência e não podemos desvincular o contato do texto com a realidade.

Falar do mundo violento como um território ordenado envolve ficar à distância, deixar a pele sem ferida e o corpo sem dor. Entretanto, no momento em que houver dor envolvida, as categorias organizadas do pensamento institucionalizado mostram seus limites e a ideia de que é possível olhar tudo à distância, com neutralidade, frieza ou objetividade, pode cair por terra (GINZBURG, 2013, p. 34).

Segundo Ginzburg, “em um corpo sofrido, a relação entre língua e pensamento é abalada pela negatividade da experiência. A linguagem é percebida como traço indicativo de uma lacuna, de uma ausência” (GINZBURG, 2012, p. 57). Essa ausência vai se traduzir nas imagens fortemente melancólicas da escrita torquadiana; e, como não há superação do trauma, alguns temas e expressões indicativas de silêncio, fragmentação, ausência, irão se repetir ao longo dos anos, como se a repetição pudesse purgar a dor.

Seguindo também os passos de Adorno (2006), entendemos que tanto o crítico como o artista, ao apontarem os problemas e contradições de uma sociedade, estão inscritos nelas e, configuradas esteticamente neste contexto, as obras possibilitam condições para que a experiência seja apresentada de maneira acessível, sem, no entanto, perder o seu poder de choque, de modo que forma e conteúdo se relacionem entre si e com aquilo que está à sua volta, numa relação já não mais de síntese, e sim parcial, fragmentada. A partir dessa concepção fragmentária de um sujeito exposto constantemente a ameaças e catástrofes, aceitamos a ideia de que não há subjetividade totalizante, mas sim um sujeito incompleto, fragmentado, em processo.

Trazendo esses conceitos mais próximos de nossa discussão, pensando nos textos de Torquato Neto, diante do terror de viver em meio a uma ditadura e todos os seus desdobramentos, não podemos admitir que haja uma representação idealista, ou um sujeito lírico inteiramente instituído. Completude, neste caso, seria incoerente com aquilo que foi presenciado historicamente. Estratégico, então, é se voltar para um silenciamento, uma fragmentação, um experimentalismo que mantenha a tensão entre o sujeito e a História.

Em um poema que pode ser considerado como uma das versões para “Literato cantabile”, Torquato Neto aponta para o problema da comunicação e o aniquilamento da experiência.

Agora não se fala mais  
Toda palavra guarda uma cilada  
E qualquer gesto é o fim  
Do seu início

Agora não se fala nada  
E tudo é transparente em cada forma  
E em sua orla  
Os pássaros de sempre cantam nos hospícios

Você não tem que me dizer  
O número de mundo deste mundo  
Não tem que me mostrar  
A outra face  
Face ao fim de tudo:

Só tem que me dizer  
O nome da república do fundo  
O sim do fim do fim de tudo  
E o tem do tempo vindo;

Não tem que me mostrar  
A outra mesma face ao outro mundo  
(não se fala. não é permitido:  
Mudar de ideia. é proibido.  
Não se permite nunca mais olhares  
Tensões de cismas crises e outros tempos.  
Está vetado qualquer movimento.  
(TORQUATO NETO, 2004, p. 168)

Marcadamente, esse é poema do presente – tanto do tempo em que foi escrito quanto dos usos verbais. Dialoga com a época em que foi produzido, representando os empecilhos que existiam entre a comunicação poética e a experiência humana, expondo os limites e as tensões entre o permitido e o proibido.

Apesar de o eu lírico trazer em si um desejo de falar em meio ao aprisionamento, o parêntese sem continuidade apresenta o ambiente de proibição, de clausura que está ao redor. A palavra não consegue funcionar como libertação, ela “guarda uma cilada”, assim como o gesto, que se caracteriza como um mover-se em meio vigiado. O veto se configura do início ao fim do poema: da primeira estrofe, “e qualquer gesto é o fim do seu início”, até o último verso, “está vetado qualquer movimento”.

O eu lírico não espera encontrar respostas objetivas, totalizantes para aquilo que se apresenta diante de si, porém ele busca por palavras que deem conta de nomear (“a

república”) e tragam uma afirmação, mesmo que seja “o fim do fim de tudo”, um fragmento do tempo que ainda estaria por vir.

A contradição, reconhecida por Adorno, de que o poeta é crítico a partir do mundo que critica, é adensada no poema no momento em que há um jogo entre dizer/mostrar e não é permitido/é proibido, fazendo assim crítica do sistema de repressão instaurado e crítica de si, do sujeito que deseja se mover, mas para quem sequer os olhares são permitidos.

O poema traz para o seu interior o terror da censura sobre a qual fala. E essa relação entre o interno do poema e o externo a ele é fortalecida quando Torquato Neto utiliza a melancolia e o trauma nesse discurso fragmentado, que foge de uma poesia totalizante. A face do mundo que se mostra permite ver a outra face da história que não se pode alcançar, e a dor da incomunicabilidade, num gesto inacabado que expõe de maneira negativa a amplitude daquilo que não se pode representar.

A obra torquatiana se desenvolve num cenário traumático em que o sujeito não foi preparado para superação das experiências de violência e para uma reflexão clara do que estava sendo vivido. Por isso também, tornou-se difícil para o poeta apresentar uma obra que tivesse unidade, fosse na forma ou nos temas.

Passando do poema para a crônica. Além de música, as crônicas de Torquato Neto, escritas na sua coluna “Geleia Geral”, em 1971/72, tratam de cinema, poesia, censura, outros fatos relacionados ao contexto cultural do período e até questões pessoais, como a saudade da mulher e do filho. Das 142 crônicas publicadas no jornal *Última Hora*, gostaria de destacar o título de algumas que fogem de assuntos propriamente musicais e trazem traços melancólicos à coluna: “pessoal intransferível”, “marcha à revisão”, “a morte ataca”, “assunto pessoal”, “alô, idiotas”, “baixo astral”, “medo de perder-te”, “mala direta” e “na corda bamba”. Na maioria dos textos, percebemos que o poeta dá um acento particular à língua, com uma entonação como forma dissidente, proposital para fugir da censura, fazendo crítica como militância; em alguns casos, escreveu em tópicos. Exemplo disso é a crônica denominada “por hoje, acabou” que começa da seguinte maneira:

\* O dia seguinte de repente antes do sim. Não faço a menor questão de fazer sentido. Basta o meu amor redivivo.

\* Número dois desta seleta: agora, aqui e agora. Citação: leve um boi e um homem ao tal matadouro. O que berrar menos merece morrer. É o boi.

(TORQUATO NETO, 2004a, p. 306).

A forma, além dos tópicos, chama a atenção. Torquato inicia o texto com uma frase sem verbos que liguem as palavras ou as relacione com alguma ação, mas “o dia seguinte” figura como a ação improvisada e repentina. O leitor não sabe exatamente o que seria o “sim”. Ele deixa claro que sua ideia é justamente não apresentar sentido. No terceiro enunciado, também sem o uso dos verbos, surge o amor ressuscitado.

Se no primeiro tópico, ele faz ressalva para o futuro que se antecipa e para um amor que ressurge, no segundo, ele chama a atenção para o presente com a repetição por duas vezes da palavra “agora”. Ainda sem saber claramente do que se trata, o leitor é presenteado com uma citação, que aumenta o tom cifrado do texto: “leve um boi e um homem ao tal matadouro. O que berrar menos deve morrer. É o boi”. Essa citação aparece de outra forma, em outro texto: “Leve um homem e um boi ao matadouro, aquele que berrar é o homem, mesmo que seja o boi”. Se o homem for levado à morte, tem a capacidade de gritar. O boi segue desconhecedor da sua sina ao ser encaminhado ao matadouro. Torquato Neto está nos dizendo mais que isso. Adverte que o homem não deve agir como o boi quando lhe for oferecida a imagem do matadouro, sua missão é lutar, e gritar mais alto e mais forte, pois se assim não for, esse homem não merece viver. Não podemos deixar de relacionar os berros do boi no matadouro aos variados tipos de tortura que houve durante a ditadura no Brasil e a animalização do homem, enquanto ser que perdia sua condição de sujeito para ser humilhado, restando apenas a “carne em sofrimento”<sup>3</sup>.

A fragmentação do texto é uma das suas características, não há uma sequência de assuntos, fatos ou reflexões. O autor nos vai apresentando cacos de ideias, num mosaico obscuro, em que os vocábulos também vão contribuindo para essa colagem de visões iluminadoras (dia, sim, amor) e angustiantes (grito, morte, matadouro). É em meio a esse clamor de ação e a essa postura enigmática que os textos da coluna “Geleia Geral” vão se compondo ao longo dos meses em que é produzida.

Em nossa leitura, buscamos na obra de Torquato Neto os momentos em que essa desmedida se transmuta em procedimento de linguagem, de quem mesmo frente ao abismo não se entrega à queda. Em vez de destruir, a melancolia serve à composição e transforma-se numa possibilidade de consciência.

---

<sup>3</sup> No livro *O que restou da ditadura: a exceção brasileira* (2010), Edson Teles e Vladimir Pinheiro Safatle reúnem ensaios sobre o legado deixado pelo regime ditatorial em diversos setores da vida social brasileira, entre os quais está a violência institucionalizada.

A palavra em si – melancolia – não aparece nos textos de Torquato, a não ser no verso “tropical melancolia”, da canção “Marginália II”. No entanto, as imagens do caminhante solitário, sem caminhos à vista, as cidades e ruas abandonadas, o abismo podem ser consideradas expressões com sentidos aproximados a um significado melancólico.

Podemos afirmar, mesmo assim, que Torquato Neto é um homem mergulhado no seu tempo e num espaço denso de derrotas coletivas e individuais. Acrescentamos que essa margem não deve ser vista como algo louvável, como se fosse uma escolha tranquila. A margem é marcada pela violência, pela dor e o desespero. É uma luta incessante contra a ordem natural das coisas, que tende a ser injusta, de imposições de valores.

Torquato Neto foi o artista que vivenciou bruscas mudanças entre um momento de muita euforia e outro de muita tristeza, que estabeleceram insegurança em relação ao futuro. Essa insegurança e todos os sonhos e projetos destruídos não ocorrem sem culpa, e esta gera melancolia. A “tropical melancolia” traz consigo uma assimilação do instável consciente, ou melhor, a “negra solidão” se espalha pelo espaço, invade o sujeito. “Deu meia-noite no meio do dia” são versos da composição “Jardim da noite”, revelando que além da dor e da solidão, há um reconhecimento dos infortúnios e uma crítica a eles, gerando também uma confissão:

Minha terra tem palmeira  
Onde sopra o vento forte  
Da fome do medo e muito  
Principalmente da morte  
(TORQUATO NETO, 2004, p. 124).

Essa experiência humana específica ocorre em um determinado espaço: Brasil, considerado pelo sujeito como “o fim do mundo”. Esse reconhecimento de situação de medo e morte, nesse lugar específico, em que há perda e inadequação, torna o sujeito incapaz de vislumbrar propósitos ou conquistas. Apesar de a melancolia ser o próprio fim, sem perspectivas, pode ser sublimada pela criação artística. A arte brasileira evocada, no poema de Gonçalves Dias, “Canção do exílio” ou na canção popular de Braguinha, “Yes, nós temos banana”, ironicamente apresenta o dilema da história que “acaba antes do fim”. É como se o veneno fabricasse seu próprio antídoto. O que se mostra em plena luz do dia é a escuridão de uma realidade hostil, terra que comporta uma natureza exuberante (“minha terra tem palmeiras”), no entanto, junto a ela há os sintomas claros (“o escuro é límpido”) da tragédia brasileira.

Sob os impactos da Primeira Guerra Mundial, Freud escreve *Luto e melancolia*, procurando esclarecer a essência da melancolia ao compará-la com o luto.

O luto, via de regra, é a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como pátria, liberdade, ideal etc. Sob as mesmas influências, em muitas pessoas se observa em lugar do luto uma melancolia (FREUD, 2011, p.47).

Para ele, luto é uma reação que acomete aqueles que perdem um ente querido. Após um tempo de luto, o sujeito percebe que nada que faça trará a pessoa querida de volta. Essa reação de dor que permanece durante um tempo determinado, é considerada por Freud como algo saudável, normal. Há uma resposta dada pelo indivíduo durante o trabalho de luto que o compele a desistir daquele objeto perdido e prosseguir, continuando a viver.

A melancolia, vista como patologia da tristeza, é reconhecida pelo psicanalista como abatimento profundo e doloroso, ausência de interesse pelo mundo externo, rebaixamento do sentimento de autoestima. Mas, diferente do luto, Freud explica que a natureza da melancolia é mais ideal do que concreta. Ou seja, não precisa ser necessariamente a perda de alguém que morreu; pode ser a perda de uma pessoa amada que foi simplesmente embora. Sabe-se quem se perdeu, mas não sabe o que perdeu nela (FREUD, 2011).

No caso de Torquato Neto, não há configurada a suspensão do interesse pelo mundo externo, pois ele busca contato com o mundo por meio de sua obra. Assim, temos uma aporia: ao mesmo tempo em que há uma busca por ocupação do espaço, há um sujeito extremamente melancólico que se vê na inércia diante de projetos destruídos, que sofre com a não superação da perda de liberdade e com a privação de direitos que deveriam ser reivindicados.

Torquato não cumpre o trabalho do luto, melhor dizendo, ele não age de maneira a substituir o objeto perdido, a apaziguar a dor e seguir em frente. Tinha urgência, no entanto, não sentia força suficiente para vencer. As suas perdas são ao mesmo tempo coletivas e individuais. Dessa maneira, elas são potencializadas e não são superadas.

Se no luto, é o mundo que fica vazio porque não está mais ali o ente querido e na melancolia, é o próprio ego se torna pobre e vazio, na poesia torquatiana ego e mundo – juntamente – tornam-se pobres e vazios. Assim, a perda do objeto se transforma também em perda do ego. Nessa situação de desânimo extremo, há uma tendência a se comunicar, a partir de um “autodesnudamento”, outra característica melancólica presente em Torquato. Assim sendo, ao mesmo tempo em que parece totalmente

desmotivado, o sujeito Torquato busca vias de se fazer mostrar, de tentar descrever todo o tempo quem é esse “eu” que fala. Um dos fortes exemplos dessa postura de auto-revelação talvez esteja no poema “Cogito”.

Ainda inserido nessa contradição, por mais que, em alguns momentos, o poeta tenha demonstrado entusiasmo com acontecimentos culturais, logo era tomado pelo desencanto que o levou a uma descrença naquilo que se acreditava concretizável no plano social e histórico, acompanhado também pela descrença amorosa. A presença da morte vai retirando suas forças. O ato de resistência configura-se pelo ato da escrita, da linguagem.

Eduardo Lourenço não fala em patologia, mas marca o sentimento melancólico em medidas de tristeza, angústia e tédio, identificando que a angústia é reconhecida com maior nitidez já que “a vida é subtraída ao futuro, asfixiada por um presente sem dimensões” (LOURENÇO, 1999, p. 16). Ele diz que o angustiado é um ser impaciente.

De certa maneira, o angustiado tem excesso de vida e de impaciência; não pactua com o futuro nem projeta nele as cores da sua angústia. Ao contrário da melancolia, a angústia não comporta o “jogo” com o tempo – tudo é urgência, a própria memória fica como em suspenso. O campo próprio da angústia é o da imaginação, imaginação do pior, em que o real fica de fora (LOURENÇO, 1999, p. 17).

Se o sentimento de melancolia comporta a angústia, como nos diz Lourenço, é possível afirmar que além do tempo melancólico que leva o sujeito para uma realidade que se mostra viva, mesmo que seja no interior da memória, há também na obra de Torquato Neto o “excesso” e a “urgência” de que nos fala o crítico português, unindo, assim, a insatisfação com a condição humana à necessidade de se fazer algo emergencialmente. Nesse sentido, o poeta chama a sociedade a responder por sua hipocrisia, busca nessa urgência desvalorizar valores instituídos, menos como um criador, mais como destruidor de ideias estabelecidas.

Escrever e refletir sobre os acontecimentos ao seu redor configuram-se como atos de resistência, numa atitude melancólica de quem concebe não ter força suficiente para enfrentar o pavor do tempo, mas concentra todas as energias para não ser destruído por elas.

Em Torquato, a palavra e a escrita têm o valor de buscar significações para o silêncio imposto, a palavra calada, os espaços vazios, os caminhos perdidos. É do “precipício”, olhando para o abismo, que o poeta canta em busca de sentidos para sua

poesia e para sua própria vida. E nesse abismo de criar, a noite reverbera, com toda sua força, como criação metafórica.

Além disso, a noite nos serve, também, como metáfora ao período histórico em que a obra do poeta é escrita, tempos sombrios para o Brasil e seu povo que sofreu com o apagão de mais de vinte anos de governo ditador. Assim, a dor deixa de ser exclusivamente do poeta e passa a ser a dor dos homens que viveram aquele período.

## **Referências**

ADORNO, Theodor W. *Teoria estética*. Lisboa: Edições 70, 2006.

FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. São Paulo: CosacNaify, 2011.

GINZBURG, Jaime. *Literatura, violência e melancolia*. Campinas: Autores Associados, 2013.

\_\_\_\_\_. *Crítica em tempos de violência*. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2012.

LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da saudade: seguido de Portugal como destino*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir Pinheiro (Org.) *O que restou da ditadura: a exceção brasileira*. São Paulo: Boitempo, 2010.

TORQUATO NETO. *Torquatália*. Do lado de dentro. Organização Paulo Roberto Pires. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

\_\_\_\_\_. *Torquatália*. Geleia Geral. Organização Paulo Roberto Pires. Rio de Janeiro: Rocco, 2004a.